

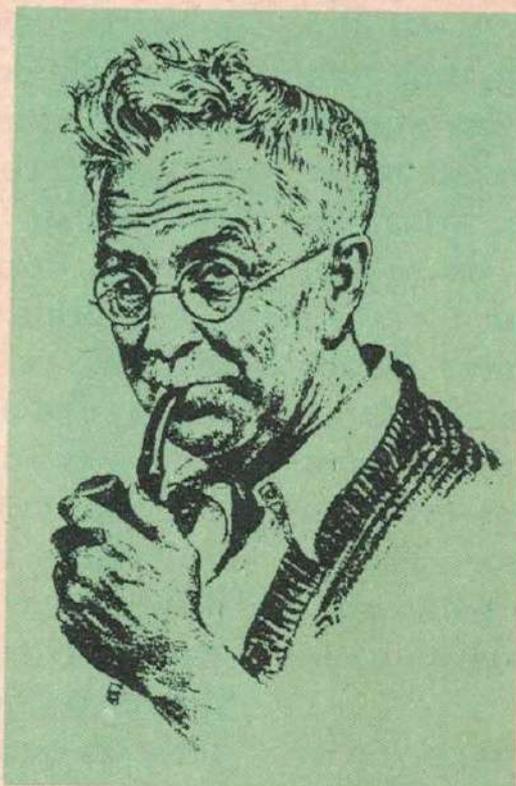
MEU TIPO INESQUECÍVEL

Por Keith Munro

FUI O HOMEM mais solitário que já conheci e um dos mais tímidos. Tornamo-nos amigos íntimos, acho que porque éramos ambos gogos. Quando o vi pela primeira vez fiquei impressionado com seus olhos escuros e brilhantes e a enorme cabeça sôbre um corpo de pouco mais de um metro e cinqüenta de altura. Usava um chapéu de tamanho $8\frac{1}{2}$ —ou usaria se as lojas do lugar onde morava tivessem chapéus daquele tamanho. Como não os tinham, usava gorros. Êstes alargavam.

Aquela cabeça estava cheia de sabedoria, parte dela sabedoria médica, porque era médico, mas a maior parte psicológica, porque êle tinha o dom de curar.

Servia uma comunidade em pleno sertão, no norte do continente americano, onde os lagos ficam sòlida-



mente gelados, e gastava a metade do seu tempo, no inverno, lutando contra as tempestades de neve, e na primavera, contra a lama, o degêlo e as enchentes.

Mudara-se para ali em 1907, jovem médico recém-saído da faculdade. Não era ambicioso. Contava ganhar a vida servindo apenas às famílias

dos lenhadores e operários de serra-ria da aldeia. Mas êle era o único médico em léguas ao redor, e logo verificou que não podia deixar de atender os doentes e moribundos nas povoações afastadas. Assim é que a sua clínica se espalhou até cobrir cerca de mil quilômetros quadrados de fazendas e sertão. Êle era *le docteur* para mais de mil famílias, que visitava de *charrette*, trenó, a cavalo, de canoa.

Houve uma ocasião em que uma jovem recém-casada tentou suicidar-

se porque o marido metera outra mulher na sua cabana. Desesperada, a jovem dera um tiro em si mesma, mas só conseguira produzir um ferimento grave na cabeça. A notícia chegou ao Doutor no meio da noite. Pôs tôda a roupa que pôde, porque a temperatura estava muito abaixo de zero, e partiu através do lago gelado. Aquilo foi quase o seu fim, pois desabou súbitamente uma tempestade de neve tão furiosa que em pouco tempo êle não podia ver sequer a cabeça do cavalo. Mas continuou seu caminho e, de madrugada, chegou ao destino.

Encontrou a moça meio inconsciente. Cuidou-lhe da ferida, depois repreendeu àesperamente o aparvalhado marido. Ambas as intervenções tiveram bom êxito. Tempos depois, o Doutor voltou para assistir o nascimento de uma robusta criança de um casal feliz.

Nunca se cogitou de medicina socializada lá onde labutava o Doutor. Pudessem ou não pagar-lhe, o seu serviço era o mesmo. O custo de um parto era de cinco dólares, incluídos os cuidados anteriores e posteriores. Algumas vêzes pagavam-lhe.

O Doutor conhecia pelo menos 500 famílias intimamente. Quando John Robitaille, um jovem e vigoroso lenhador, caiu doente com pneumonia, o Doutor cuidou dêle com carinho durante dois dias. Depois disse à jovem espôsa:

—Sinto muito. Êle não viverá até de manhã.

Em seguida ganhou rapidamente a estrada e foi ver Jeanne Rushforte, que ia ter o seu primeiro filho.

Na manhã seguinte, John Robitaille estava morto. O Doutor sabia que isso ia acontecer, porque tinha estado presente quando o pai de John morrera e também estivera presente à morte de seu avô. Êle sabia a tensão que o coração dos Robitaille podia suportar. O pai do Doutor, que tinha custeado com o próprio trabalho o seu curso na Faculdade de Medicina de Edimburgo, lhe ensinara isso.

—Estude as famílias. Descubra quais são os seus pontos fracos, aconselhara-lhe o pai, e o filho aprendera bem a lição.

Como tantos médicos do interior dos velhos tempos, o Doutor podia diagnosticar as doenças pelo cheiro. Apenas entrava na casa, sabia, antes de ver o doente, se era varíola, difteria ou escarlatina. Isto era importante, porque naqueles dias não havia à mão laboratórios para onde se pudesse enviar material para exame.

Num tempo em que a vacina estava muito longe de ser aceita com bons olhos, o Doutor vacinava meninos de escola e adultos às centenas. Levava com êle uma enorme reprodução de um dêsses organismos causadores de doenças, de aspecto aterrador quando vistos através do microscópio.

—Isto é o que está dentro de você quando tem varíola, dizia êle.

Depois que dava uma olhadela àquela coisa horrível, o cliente fica-

va mais do que ansioso para que o Doutor lhe arranhasse o braço e esfregasse a vacina.

Ninguém melhor do que êle trazia crianças ao mundo. Naquela região do norte não são incomuns famílias de 15 filhos. Ao todo o Doutor assistiu o nascimento de pelo menos dois mil cidadãos, sem perder uma só mãe.

A sua máxima mais importante era: «A ação do médico deve interferir o menos possível na natureza.» Ar puro, muita água, repouso e, se necessário, um remédio suave. Era esta a sua receita para quase tudo, exceto fraturas do crânio. Se o doente insistia num remédio, o Doutor dava-lhe pílulas de pão cobertas de açúcar, feitas por êle mesmo. As suas instruções geralmente eram: «Uma de quatro em quatro horas, com vários copos d'água.» Dêste modo, o paciente bebia, pelo menos, água em abundância. O Doutor nunca cobrava pelas pílulas, mas a fama de suas propriedades curativas espalhou-se.

Tinha horror à cirurgia, mas quando se tornava necessário operar, suas pequenas mãos eram destros e seguras. Houve uma ocasião em que o jovem Phill Guilmette mutilou a mão numa debulhadeira. A coisa mais simples e segura teria sido a amputação pelo punho. Mas o Doutor hesitou. Naquele sertão rude o homem com uma só mão é uma responsabilidade para si mesmo e para sua família. Assim, deu clorofórmio ao rapaz e pôs-se a trabalhar. Quan-

do acabou, Phill tinha um tóco de polegar e dois toquinhos de dedo—o bastante para segurar a ponta do cabo dum machado e fazer uma centena de outras coisas que um tóco de punho não poderia fazer.

A mesa da cozinha era a mesa de operações do Doutor. Uma vez, operando as amígdalas do pequeno Bill Martin, acabou-se o catego. Êle mandou um dos homens ao estábulo arrancar alguns cabelos da cauda da velha égua cinzenta, ferveu-os e enfiou-os na sua agulha. Bill Martin é hoje tão sadio como se tivesse sido costurado com o melhor catego.

Já o Doutor se encontrava ali havia cinco anos quando conquistou de vez o coração daquela gente. No meio de uma nevasca de fevereiro, chegou a notícia de uma irrupção de difteria numa região afastada. Enchendo os bolsos de antitoxina, o Doutor partiu no seu trenó. Era noite quando alcançou a comunidade atacada, mas não havia tempo para dormir. Trabalhou durante a noite toda, e continuou durante o dia seguinte e a noite seguinte, até que todas as crianças e a maioria dos adultos foram imunizados e êle e o seu estoque de antitoxina se esgotaram. Depois disso êle ficou no coração de todos.

O Doutor fôra criado como meto-dista, mas a comunidade era 90 por cento católico-romana. Os padres eram seus amigos íntimos; eram quase as únicas pessoas ali que tinham lido os livros de filosofia e

psicologia que êle lera e que falavam a sua língua. Mais importante ainda, o Doutor descobriu logo que os padres podiam dar algo que êle não podia. Sabia que muitas das nossas doenças são do espírito. Essa era a hora de chamar o padre.

O Padre Sloan era, dentre todos, o mais íntimo do Doutor. Cada vez mais apareciam juntos nos quartos dos doentes. Chegou o dia que essa sociedade deu resultados—e quantas vidas foram salvas ninguém saberá. Foi pelo fim de 1918, quando irrompeu a epidemia de gripe, e em poucas semanas matou mais gente que os quatro anos de guerra. Não havia meio de evitá-la ou de curá-la. O povo andava apavorado.

A epidemia atingiu duramente a região do Doutor. Famílias inteiras foram atacadas, por vêzes tão súbitamente que não sobrava ninguém para ir chamá-lo. Durante dias seguidos êle não tirou a roupa do corpo. Assim mesmo, a epidemia continuava vencendo. Foi quando êle e o Padre Sloan uniram fôrças numa cruzada contra a morte. O rebanho do Padre e a clínica do Doutor cobriam a mesma área. O Padre lia do púlpito as instruções do Doutor para os doentes de gripe: «Vão para a cama e fiquem lá. Abandonem o uísque e os remédios. Conservem as janelas abertas e os intestinos livres.»

Terminada a missa, o Padre e o Doutor partiam de *charrette* ou automóvel, seguindo por estradas afastadas e carreiros de lenhadores, cui-

dando dos doentes. Quando chegavam a uma casa de cuja chaminé não saía fumaça, entravam. Sabiam que tôda a família estava atacada. Enquanto o Doutor atendia os doentes, o Padre carregava lenha, acendia o fogo, esquentava a sopa. Aconteceu isto numa centena de cabanas solitárias antes que a maré da doença começasse a baixar.

O Padre Sloan ainda hoje fala da luta do Doutor para convencer seus doentes a respirarem ar puro. Naquela região agreste, as janelas são reforçadas durante o inverno com caixilhos especiais e sarrafos de madeira contra as tempestades e o mau tempo. O Doutor abria as janelas, mas, muitas vêzes, verificava que, apenas êle saía, as janelas eram fechadas de novo.

—O Doutor então zangava-se, recorda o Padre. Chegava a esconder as janelas no palheiro. Êles teriam ar puro, quisessem ou não. O Doutor simplesmente não queria deixar a sua gente morrer.

E não deixou. Metade das pessoas mais idosas ainda podem contar como estavam morrendo quando o Doutor e o Padre chegaram. Em 1.500 casos de gripe só morreram dois doentes—uma menina e um rapaz. Tanto o Doutor como o Padre pagaram caro por aquelas semanas. O Padre Sloan caiu doente com pneumonia e o Doutor cuidou dêle durante a doença. Depois o Doutor também adoeceu. Mas apesar de uma febre devastadora, êle continuou atendendo aos chamados de

urgência. Muitos dos seus doentes não estavam tão doentes quanto êle. Mas o Doutor era rijo.

Aquela gente procurava por muitos modos aliviar a sua carga. Começaram a enviar-lhe condução—trenó ou *charrette*, conforme o caso, quando necessitavam dos seus serviços. Mas sempre havia os casos de urgência; os lenhadores ainda se cortavam com machados ou árvores caíam sôbre êles. Havia epidemias. E, cada ano, uma enorme colheita de recém-nascidos.

Com o passar dos anos o Doutor começou a pagar pelas suas noites sem dormir e suas lutas com a neve e o frio. Contrainiu reumatismo e artritismo. Tinha quase a certeza de que estava sofrendo de diabetes também, embora não tivesse interêsse nem tempo suficientes para averiguá-lo.

O dia 27 de maio de 1934 foi um dia amargo para o Doutor. Êle tinha levado um doente para o hospital da cidade. Era um caso interessante e êle queria assistir à operação. O cirurgião-chefe, olhando os sapatos sem graxa, as calças amarrotadas e diferentes do paletó surrado, recusou-lhe altivamente a entrada na sala de operações. O Doutor voltou para casa mergulhado em desespero. Lembrou-se de que faltavam apenas dois dias para seu quinquagésimo aniversário. Seu irmão mais moço era um ginecologista famoso, suas cinco irmãs haviam tôdas casado com homens prósperos. Seu pai,

médico durante 50 anos, morrera cheio de honrarias e deixara uma grande propriedade. E êle só ganhara 1.500 dólares no ano anterior.

Pensou tristemente em como sua espôsa, a única pessoa no mundo que compreendera sua alma solitária e introvertida, morrera de um tumor cerebral. Suas últimas palavras para êle haviam sido:

—Cuide do nosso filho.

Bem, o rapaz estava na escola e o Doutor tinha, pelo menos, estabelecido um seguro suficiente, de modo que a sua educação estava assegurada. Mas êle próprio era um fracasso.

Trinta e seis horas depois, quando amanhecia, claro e frio, o dia de seu aniversário, o mundo batia à sua porta. Honrarias e dádivas choviam sôbre êle. O seu nome aparecia nos cabeçalhos de todos os jornais do mundo. Tudo porque, poucas horas antes, êle tinha ido a uma fazenda solitária e rústica assistir uma mulher que dera à luz cinco filhas e a quem ela e seu marido chamaram: Yvonne, Marie, Annette, Emilie e Cecile. Ao todo, as cinco pesavam pouco mais de quatro quilos e meio. Ninguém acreditava que sobrevivessem. Mas o Doutor ficou lá, lutando obstinadamente por aquelas vidas vacilantes, até que venceu. O caso Dionne passou aos anais da Medicina.

• Sim, o tímido homenzinho de cabeça grande e grande coração era o Dr. Allan Roy Dafoe.

